

é tão eloqüente quanto “túnel” para referir a vaguidade do objeto em causa, medularmente pactuado com o *sonho*, considerado “absoluto” pelos habitantes do “túnel perfeito” (p. 44) e reconhecido como “tudo” por “Jaques Netan” (p. 60). E que “objeto” é esse? Aparentemente, o túnel é um simulacro ora de cidade ou de civilização; ora de labirinto interior ou do próprio texto literário; e ora, finalmente, da polissemia da palavra poética, única capaz de criar o “circulo mítico” que se opõe à cronologia irredutível e angustiante da História. Quanto a Jaques, é um cidadão em busca da memória pessoal e coletiva, pois vive cercado por “muro” social e psicologicamente opressivo, amargando fugidias saudades da mulher Tamisa e da filha Cristiane, tão eivadas de devaneio quanto a realidade transfigurada. Nos dois casos o Homem retratado é uma espécie de protótipo ideal, capaz da magna e dolorosa tarefa de “sonhar” a vida quanto mais ela macula os sonhos. Na esteira de Calderón de la Barca ou do Pessoa de *Primeiro Fausto*.

A cosmovisão que aí se configura ombréia o trágico, com acento posto naquela solidão que, desde Camões, ficou sendo um “solitário andar por entre as gentes”. Avesso a “engajamentos” de qualquer espécie - o que é coerente com quem prega a soberania da Palavra - a “denúncia” de Nejar ocorre às avessas, num “confronto de espelhos”, conforme a imagem que é, na sua obra, espécie de obsessão: cada ser é um microcosmo da comunidade, metonímia do Universo, e recriá-lo na sua fobia pelo Tempo, na sua ânsia de amar e nas suas indagações sobre a Morte é, por extensão, reconstituir a trajetória sem fim da humanidade, rumo ao Desconhecido. O Mistério do Homem é o do texto, fazendo com que a prosa se dissolva naturalmente em poesia.

Lênia Márcia Mongelli

POESIA DE EMÍLIO MOURA - Introdução e Seleção de Fábio Lucas. São Paulo, Art Editora, 1991, 190p.

Bem avisado andou o mestre da crítica nacional Fábio Lucas ao cuidar de nova apresentação da obra de Emílio Moura, ainda que nas proporções reduzidas de uma seleção antológica.

Emílio Moura é nome que merecidamente figura entre os mais significativos da poesia brasileira, não apenas modernista, senão também do seu conjunto geral.

A sua poesia destaca-se e notabiliza-se muito singularmente em meio à nossa poesia, renovada a partir dos anos vinte, por vários motivos, entre os quais estes: o desprezo pelas formas desordenadas, pelo uso, deliberado ou não, dos erros de linguagem, pela mania do gracejo anedótico, pela adoção da falta de forma propriamente poética, pela desmoralização procurada da métrica, pela busca da novidade formal a qualquer preço. É em vão que se pesquisa a obra de Emílio Moura, verso a verso, para descobrir concessão, por mínima que seja, a qualquer das manias que caracterizam a poesia modernista no Brasil ou em qualquer outro país. Ele adotou, sem dúvida, a liberdade métrica e certos modos de encarar a vida, o amor, a tristeza fundamental da existência humana, mas

evitou sabiamente a linguagem característica da oralidade e a ausência da musicalidade e da clareza na expressão. A sua poesia é profunda e espessa, mas não faz concessões à obscuridade deliberada, nem à exploração anedótica do cotidiano: é densa, mas clara, é rica e varia, mas nunca dispersa e incompreensível, nunca sem música.

A qualidade da forma é sempre a mesma; não se altera jamais: sempre se oferece como pedra preciosa de primeira água, e essa observação implica, necessariamente, a segurança e a pureza verbais, que nunca faz qualquer concessão ao antigramatical de tantos modernistas, oriundo, em muitos casos, da ignorância.

A rima só é usada raramente. Na seleção levada a efeito por Fábio Lucas poucos poemas são rimados e raramente o são por completo. Mas esse enfeite do verso não parece fazer muita falta, pois o exato é que, a não ser nas rimas parelhas, ele não é dotado e chama a atenção apenas dos olhos (quando chama...). Num total de 116 poemas, somente 4 são completamente rimados, 25 o são incompletamente, entre eles 3 sonetos, e os restantes, num total de 87, não apresentam rimas. (Essa observação é válida, se não me engano, para a obra completa).

A poesia de Emílio Moura é fluida, nada verbosa, de ritmo seguro, utiliza vocabulário simples e comum, sempre enriquecido pelos sábios contextos em que é usado, e sempre musical.

Mas qual é o *leitmotiv*, o fundo, a inspiração dessa poesia extraordinária? É a condição humana com todos os seus elementos, como, por exemplo, o amor, o destino dos homens, a razão e o sentido da vida. Parece-me importante assinalar que a poesia de Emílio Moura é profusamente interrogativa e oferece a segura impressão de inquietude, incerteza, desconfiança, em relação ao mundo, aos seres e às coisas.

Trata-se, pois, de poesia de raízes afundadas na angústia dos destinos humanos, composta de temores e desesperanças. Mesmo o sentimento do amor, que povoa grande número de poemas, direi mesmo larga maioria deles, é varado de incertezas e inquietação.

É significativo o número de interrogações que se riçam em largo número de poemas de toda a obra emiliana, como, aliás, assinalamos acima.

Parece-me importante apontar a maneira indireta da expressão de tudo quanto Emílio Moura oferece em sua poesia. Para ele, como para Alfred Edward Housman, professor de latim da Universidade de Cambridge e notável poeta: "*Poesia não é uma coisa dita, mas um modo de dizê-la*". ("*Poetry is not the thing said but a mode of saying it*").

Do ponto de vista da forma, são também merecedores de especial menção o ritmo, a musicalidade de todos os poemas escolhidos pelo sentimento (sim, sentimento, e não senso) crítico de Fábio Lucas, que sabiamente procedeu à escolha dos 116 poemas que compõem esta antologia, parecendo-nos que o total poderia ser um pouco mais elevado. O fato final, porém, é este: Fábio Lucas oferece ao público, que ainda lê poesia autêntica neste penoso país, uma recolha primorosa de alta, de inesquecível poesia.

Eis aí a homenagem admirável à memória de Emílio Moura, autor de *Itinerário Poético*.

Abgar Renault